

Memórias da Grande Guerra: Passado, Presente e Futuro

João Moreira Tavares

Licenciado em História e Mestre em História dos Séculos XIX e XX (Secção do Século XX) na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH/UNL). É técnico superior do Arquivo Histórico Militar (AHM) e investigador do Instituto de História Contemporânea da FCSH/UNL. Autor de diversos trabalhos académicos, na sua maioria dedicados à Guerra Colonial e à divulgação e valorização do património documental do AHM. Concebeu e coordenou o Memorial Virtual aos Mortos da Grande Guerra, no âmbito do programa de atividades da comissão constituída para a evocação do Centenário da Participação Portuguesa na Primeira Guerra Mundial.

Resumo

A evocação do primeiro centenário da Grande Guerra, um pouco por todo o mundo, mas sobretudo na Europa, aumentou o interesse em aprofundar o conhecimento sobre este período tão marcante da História mundial. Os testemunhos que dele perduraram são muitos, mas as fontes documentais depositadas nos arquivos pelo seu número, diversidade e relevo para a compreensão deste complexo acontecimento merecem uma maior atenção que os restantes.

O presente artigo tem como propósito dar a conhecer os diferentes testemunhos existentes e projetos desenvolvidos no Arquivo Histórico Militar sobre a participação portuguesa na Grande Guerra contribuindo, desse modo, para o aproximar das fontes documentais dos investigadores e para o aparecimento de novos trabalhos e interpretações no âmbito da História militar nacional.

Abstract

Memories of the Great War: Past, Present and Future

The evocation of the first centenary of the Great War, all over the world but especially in Europe, increased the interest in furthering the knowledge of this striking period of world history. Although many testimonies endured, the documentary sources deposited in the archives deserve more attention than all the others, considering their number, diversity and relevance to understand these complex events. The article aims to publicize different existing testimonies and projects developed at the Military Historical Archive (AHM) concerning Portugal participation in the Great War, approximating documentary sources to researchers and bringing up new works and interpretations of the national military history.

Introdução

A evocação do primeiro centenário da Grande Guerra, um pouco por todo o mundo, mas sobretudo na Europa, aumentou o interesse em aprofundar o conhecimento sobre este período tão marcante da História mundial. Com um objetivo de estudo, evocativo ou em busca de informações sobre um familiar – do qual, na maior parte dos casos, se sabe apenas que esteve na guerra, mas tudo o resto se ignora – são cada vez mais os investigadores, as instituições e os particulares a demandarem o passado. Afinal, apesar de decorridos 100 anos, há, ainda, muito por conhecer, novas temáticas por explorar e trabalhos por realizar.

São muitos os testemunhos deste período que marcou não só aqueles que o viveram, mas também as gerações seguintes, pois as marcas da guerra perduraram por muitos e muitos anos em tempo de paz, na toponímia, nos monumentos das vilas e cidades, nas artes – nomeadamente na literatura, escultura, pintura, fotografia e no cinema –, na memória oral e popular das gentes e, obviamente, nas fontes documentais depositadas nos arquivos.

O presente artigo tem como propósito dar a conhecer os diferentes testemunhos existentes e projetos desenvolvidos no Arquivo Histórico Militar (AHM) sobre a participação portuguesa na Grande Guerra, como parte integrante de um trabalho mais amplo de divulgação e valorização do acervo deste arquivo, que tem vindo a ser realizado nos últimos anos e com o qual se pretende aproximar os investigadores das fontes documentais, contribuindo, desse modo, para o aparecimento de novos trabalhos e interpretações no âmbito da História militar nacional.

O AHM: Guardião Privilegiado das Memórias da Grande Guerra

O AHM, fiel depositário da documentação histórica do Exército Português, é um guardião de uma parte importante da memória coletiva nacional, pela riqueza, diversidade e grandeza do seu acervo. Nele podem ser desenvolvidas múltiplas temáticas e seguidos numerosos caminhos nos diferentes fundos documentais que o compõem, que se encontram organizados em cinco grupos de fundos:

- (1) As Divisões, que agregam toda a documentação que deu entrada no AHM de acordo com a primeira organização moderna do acervo que determinava a distribuição dos documentos numa primeira fase por duas divisões e que posteriormente evoluiu para quatro divisões, subdivididas em numerosas secções, com base em diferentes critérios¹. Na primeira divisão foi integrada

1 A primeira organização moderna do acervo data de 1921, quando foi publicado o regulamento do AHM que constituiu a 1.ª e 2.ª Divisões. A estas, em fevereiro de 1924, com a publicação de um novo regulamento, foi acrescentada a 3.ª Divisão e, muito mais tarde, já em 1996, foi criada a 4.ª Divisão.

A partir de 1997 com a introdução de um novo princípio – o da proveniência, respeitador da integridade e estrutura orgânica da entidade produtora da documentação – de acordo com as

a documentação relativa às campanhas na metrópole e na Europa e períodos históricos intermédios. Na segunda divisão foram colocados os documentos relativos às expedições e campanhas ocorridas nos territórios ultramarinos. Na terceira divisão a documentação foi arrumada conforme os assuntos a que se referia. Deste modo, sobressai na primeira divisão um critério predominantemente cronológico, na segunda um geográfico e na terceira um temático². A estas três divisões foi adicionada uma quarta³ com documentação variada dos séculos XVII, XVIII e XIX, mas na sua maioria relacionada com o conde de Lippe⁴.

- (2) Os Fundos Especiais, que reúnem as coleções com características distintas das demais, como a iconografia, fototeca e os manuais e regulamentos militares.
- (3) Os Fundos Gerais, constituídos por fundos ou coleções de maior complexidade de tratamento arquivístico tendo em conta as origens múltiplas dos seus documentos.
- (4) Os Fundos Orgânicos, que incluem os fundos de unidades, estabelecimentos e órgãos do Exército que começaram a ser incorporados no AHM a partir do início da década de 90 do século passado.
- (5) Os Fundos Particulares, que integram os fundos e coleções produzidos por uma pessoa ou família entregues ao AHM.

Nestes cinco grupos de fundos destacam-se os que pela sua dimensão e relevância para o estudo da participação portuguesa na Grande Guerra suscitam um maior interesse e procura:

- (1) Na 1.^a Divisão, a 35.^a Secção que tem a documentação do Corpo Expedicionário Português (CEP) enviado para a frente europeia, mas não só. A preparação das tropas em Tancos, a oposição à sua partida para a frente, a defesa

regras da arquivística moderna, as divisões e respetivas secções foram fechadas, mantendo-se, porém, a sua organização original, tendo sido nessa ocasião que foram constituídos os cinco grupos de fundos.

- 2 Com base nestes critérios as secções agrupam a documentação referente a uma determinada campanha militar em que o Exército Português participou, a um território colonial ou a um assunto específico. Por exemplo: a Guerra Peninsular no caso da 1.^a Divisão, Timor no que se refere à 2.^a Divisão e Uniformes ou Justiça na 3.^a Divisão.
- 3 Esta 4.^a Divisão é composta por documentação vinda do Brasil em 1948 que para lá tinha sido levada, em 1807, aquando da deslocação da família real para aquela colónia. Ao contrário das outras divisões apenas tem uma única secção.
- 4 Wilhem Graf von Schaumburg-Lippe (1724-1777). Marechal-general e conde reinante de Schaumburg-Lippe. Chegou ao nosso País em 1762 para comandar as forças luso-britânicas na guerra declarada a Portugal pela Espanha e França. Para além desse comando empreendeu uma profunda e célebre reforma do Exército Português.

do continente e ilhas adjacentes, as relações com a Inglaterra e a França, o museu português da Grande Guerra e o Corpo de Artilharia Pesada e Independente (o CAPI)⁵ são também algumas das principais temáticas que podem ser encontradas neste fundo.

- (2) Na 2.^a Divisão, para a análise da guerra em África é incontornável a consulta das suas 2.^a, 7.^a e 10.^a Secções, constituídas com documentação, respetivamente, referente a Angola, Moçambique e ao Ultramar⁶. Nelas sobressaem os relatórios das diferentes expedições, as muitas relações de mortos, a diversa documentação alusiva ao incidente e combate de Naulila, bem como a que diz respeito a uma outra faceta da guerra menos conhecida: os prisioneiros alemães e austríacos, na sua grande maioria civis, detidos em vários campos de internamento criados em Moçambique. Relações, plantas dos campos, fotografias deles e da rotina diária neles vividos e, ainda, dos próprios prisioneiros constituem a maioria desses documentos.
- (3) Na 3.^a Divisão, a 1.^a, 5.^a, 17.^a e 47.^a Secções. A primeira possui os estudos e projetos relativos à preparação da defesa do país contra uma agressão externa. Na 5.^a Secção encontram-se reunidos os relatórios relativos à instrução ministrada às tropas em Tancos⁷, enquanto a 17.^a Secção tem também documentação sobre os prisioneiros alemães e austríacos, concretamente relações e processos individuais. Por fim, a 47.^a Secção, correspondente à mapoteca, guarda muita e diversa cartografia referente aos teatros de operações africano e europeu. Desde simples croquis de postos militares ou regiões, passando por cartas de distritos, do sector do CEP até cartas de Angola, Moçambique e dos territórios alemães que lhes eram confinantes, bem como cartas de diversas frentes europeias.
- (4) Nos Fundos Especiais, os denominados 10, 110 e do Centro de Audiovisuais do Exército (CAVE)⁸, cuja múltipla iconografia neles depositada – constituída na sua maioria por milhares de fotografias – dá a conhecer os combatentes, a sua instrução, as trincheiras e os abrigos onde combateram, os lugares por onde andaram, os horrores da guerra, mas também a celebração da vitória, a sátira e o pitoresco existentes na propaganda. Neles se encontram os

5 O outro corpo expedicionário português enviado para a frente europeia.

6 Designação utilizada para abranger toda a documentação alusiva ao império no seu todo e não especificamente a uma colónia em concreto.

7 Sobre as instruções, temas de exercícios e relatórios veja-se as cotas: PT AHM-DIV/3/5/4/21/205 a 207, PT AHM-DIV/3/5/4/22/208 a 219 e PT AHM-DIV/3/5/4/23/220 a 224.

8 Entidade responsável no Exército Português pela cobertura fotográfica e cinematográfica dos eventos realizados no seu seio – cerimónias, instrução e atividade operacional. No período da Primeira Guerra Mundial tinha outra denominação: Secção Fotográfica e Cinematográfica do Exército.

trabalhos dos conhecidos fotógrafos Joshua Benoliel⁹ e Arnaldo Garcês¹⁰ que tão bem retrataram os acontecimentos político-militares e sociais ocorridos no período final da Monarquia e na 1.^a República. Neles também existem mais fotografias dos prisioneiros alemães e austríacos, bem como, ainda, de outros Exércitos e frentes de guerra em que o Exército Português não esteve presente.

- (5) Nos Fundos Particulares, salientam-se os três referentes a ilustres combatentes em França. Os dos Generais Tamagnini¹¹ e Gomes da Costa¹², respetivamente, comandantes do CEP e da sua 2.^a Divisão à data da batalha de La Lys e do Capitão David Magno¹³, oficial de Infantaria n.º 13, que se distinguiu neste combate e por isso foi condecorado com a cruz de guerra.

Porém, de todos estes fundos é a 1.^a Divisão/35.^a Secção aquele que encerra em si o maior e mais importante núcleo de documentação sobre a Grande Guerra¹⁴. Obvia-

-
- 9 Joshua Benoliel (1873-1932). Publicou as suas primeiras fotografias em 1898, ainda, como fotógrafo amador. Cinco anos depois, fez a sua estreia como profissional, com a publicação de uma reportagem sobre a visita do Rei de Espanha, Afonso XIII, a Portugal. Seguiram-se várias coberturas de visitas de outros chefes de Estado a Portugal. Fotografou as primeiras provas automobilísticas e os primeiros aviões, acontecimentos de índole político-militar, social, desportiva e de beneficência, bem como a vivência quotidiana das gentes. Pelo seu trabalho foi agraciado com diversas condecorações, nacionais e estrangeiras.
- 10 Arnaldo Garcês Rodrigues (1885-1964). Para além do convite do Ministro da Guerra, Norton de Matos, para fazer a cobertura fotográfica oficial dos exercícios da Divisão de Instrução foi também contratado para acompanhar o CEP em França, tendo para esse efeito sido equiparado a alferes. A maioria das fotografias que ilustram a campanha do CEP é da sua autoria.
- 11 Fernando Tamagnini de Abreu e Silva (1856-1924). Para além de ter sido o primeiro comandante do CEP – cargo que exerceu entre fevereiro de 1917 e julho de 1918 – foi também o comandante da Divisão de Instrução reunida em Tancos, em 1916.
- 12 Manuel de Oliveira Gomes da Costa (1863-1929). Antes do comando da 2.^a Divisão chefiou a 1.^a Divisão do CEP. Na revolução de 1926, assumiu o comando das forças militares sublevadas, tendo, pouco depois, liderado o governo e ocupado as pastas da Guerra e do Interior, embora por um curto período, pois foi afastado do poder pelos seus antigos correligionários.
- 13 David José Gonçalves Magno (1877-1957). Comandou a 3.^a Companhia do Batalhão de Infantaria n.º 13 do CEP, tendo combatido até ao dia 11 de abril, conjuntamente com tropas escocesas do 6.º Batalhão do Seaforth Highlanders, em Lawe-Les Lobes, próximo de Lacouture.
- 14 A origem deste fundo remonta a 7 de julho de 1919, aquando da desmobilização do CEP e consequente regresso das suas unidades a Portugal, com a entrega de caixotes contendo a documentação daquelas unidades e a constituição do Arquivo do CEP. No seu início este arquivo constituiu uma repartição de carácter transitório, à qual competia, para além da guarda dos documentos, a execução de certos trabalhos, burocráticos e administrativos, resultantes da liquidação do CEP em conjunto com a sua comissão liquidatária e a Direção dos Serviços de Estatística e Estado Civil daquele Corpo. Após quase 10 anos a funcionar de forma transitória o Arquivo do CEP passou, por fim, em 1929 a integrar o acervo do AHM, integração já prevista desde fevereiro de 1924, mas que ficou a aguardar a ocasião propícia para se concretizar.
-

mente pela sua dimensão, dado que é um dos maiores fundos do AHM, mas também pela grande profusão e diversidade de registos que o integram. Composto por 2.408 unidades de instalação (maioritariamente caixas), das quais 88 comportam os cerca de 77 mil boletins individuais dos militares (oficiais, sargentos e praças) e equiparados¹⁵ do CEP, nele podem ser encontrados, entre outra tipologia documental: monografias, mapas da força, quadros orgânicos, relações de baixas, ordens de serviço de unidades, ordens de batalha do corpo, relatórios, circulares, proclamações às tropas, propaganda, cartografia, fotografias da linha da frente, documentação de cariz contabilístico e inúmera correspondência trocada entre diferentes entidades, nacionais e estrangeiras, bem como cartas particulares apreendidas aos soldados e suas famílias pela censura postal militar.

Para que se possa compreender melhor a riqueza e diversidade dos documentos do fundo do CEP, destacam-se, a título meramente exemplificativo, alguns daqueles que nos parecem dignos de maior realce, pelo seu valor histórico ou simplesmente pelo seu carácter singular.

Os boletins individuais dos militares do CEP, também designados por fichas do CEP, são os documentos da 1.^a Divisão/35.^a Secção mais conhecidos e de longe os mais pedidos para consulta e reprodução. Obedecendo a um formato padronizado, normalmente manuscritos, fornecem-nos dados biográficos sobre os militares a que dizem respeito – nome, estado civil, filiação, naturalidade, parente vivo mais próximo e sua residência – e um breve resumo da sua passagem pelo CEP desde o seu embarque até ao seu regresso ou morte.

O denominado *Livro dos Mortos por Concelhos* é outro dos documentos mais consultados e reproduzidos deste Fundo, para dar resposta às diversas solicitações de particulares e, sobretudo, de câmaras municipais que procuram saber quais os naturais de uma determinada localidade que faleceram ao serviço do CEP em França¹⁶. Através dele é possível conhecer um pouco melhor as origens destes militares – filiação, naturalidade, residência e data de nascimento –, a unidade territorial e do CEP a que pertenciam e a data da sua morte.

Sobre a preparação da entrada de Portugal na guerra, os exercícios das tropas em Tancos, o seu envio para a Flandres e as negociações com os aliados relevamos os seguintes documentos:

- O relatório da Missão Militar Portuguesa enviada a Inglaterra por ocasião da conflagração europeia, abrangendo o período compreendido entre 18 de outubro e 23 de novembro de 1914¹⁷;

15 Civis que devido aos seus conhecimentos técnicos foram mobilizados para no CEP desempenhar funções especializadas para as quais não havia militares qualificados ou em número suficiente para as cumprir. Por exemplo: o serviço postal e o de enfermagem.

16 A sua cota é PT AHM-DIV/1/35/1270B.

17 Ver PT AHM-DIV/1/35/1361.

- As resoluções tomadas sobre a Divisão de Instrução nas reuniões dos dias 4, 10, 21, 23, 27 e 30 de dezembro de 1915 e 3, 6 e 11 de janeiro de 1916¹⁸;
- Os diversos reconhecimentos do polígono de Tancos, estudos, informações e correspondência relativos à criação das condições logísticas e sanitárias para acolher naquele local a Divisão de Instrução que, com pormenor, dão a conhecer o evoluir dos trabalhos de captação e distribuição de água, construção e iluminação do acampamento e ampliação do cais ferroviário¹⁹;
- O ofício do Ministro da Guerra, Norton de Matos, para o chefe da Missão Militar britânica em Lisboa, sobre o reforço da força expedicionária portuguesa com uma 2.^a Divisão, passando aquela força a constituir um Corpo de Exército, cujo armamento competiria ao governo britânico²⁰;
- O memorando sobre as disposições para o emprego das forças portuguesas na zona britânica de operações em França e o seu aditamento, onde ficaram estabelecidos com que efetivo e em que condições o CEP combateria, bem como a sua dependência em relação ao Exército britânico²¹.

Relativamente ao desenrolar das operações militares, encontramos no Fundo do CEP extensos e detalhados relatórios, onde, para além da descrição meramente factual, são tecidas considerações e se identificam erros e deficiências. Veja-se, por exemplo, o relatório do general Gomes da Costa escrito após a batalha de La Lys, onde destaca as faltas de material, pessoal e organização, o desânimo reinante entre as tropas e a sua impreparação; não deixando, porém, de elogiar a bravura com que a 2.^a Divisão se bateu no campo de batalha²².

As muitas narrativas, sob a forma de monografias, das unidades do CEP, nomeadamente dos Batalhões de Infantaria, algumas delas ilustradas, constituem preciosas fontes de informação sobre a atividade desenvolvida por aquelas unidades, mas

18 Ver PT AHM-DIV/1/35/1177/08.

19 Veja-se, por exemplo: PT AHM-DIV/1/35/1247/01 – Plantas dos acampamentos das unidades da Divisão de Instrução; PT AHM-DIV/1/35/1271/03 – Reconhecimento ao polígono de Tancos pelo Serviço de Saúde da Divisão de Instrução. 1915, setembro, 13. Reconhecimento do polígono de Tancos feito pelo Major Roberto da Cunha Baptista. 1915, outubro, 11. Estimativa da despesa a fazer com as instalações no polígono de Tancos e suas proximidades. 1915, outubro, 12; PT AHM-DIV/1/35/1305/04 – Estimativa da obra de captação, elevação e distribuição de água do vale do Seival no polígono de Tancos. 1916, fevereiro, 28. Estudos, orçamentos e correspondência trocada sobre a iluminação do polígono de Tancos. 1916, março-abril. Correspondência trocada sobre a necessidade de realizar obras nas estações ferroviárias de Tancos e do Entroncamento. 1916, fevereiro-março; PT AHM-DIV/1/35/1122/03 – Correspondência trocada sobre a necessidade de realizar obras nas estações ferroviárias de Tancos e do Entroncamento. 1916, março-abril.

20 Ver PT AHM-DIV/1/35/1178/5.

21 Ver PT AHM-DIV/1/35/1178/6.

22 Ver PT AHM-DIV/1/35/1344/12.

também, por vezes, nos podem dar a conhecer pequenos episódios relativos aos seus militares, que, a par da visão institucional, nos transmitem uma visão mais pessoal e humana dos acontecimentos e retratam o quotidiano das tropas em campanha²³. Um bom exemplo disso são as monografias dos Batalhões de Infantaria 14, 29 e 35:

- O Tenente Batista da Silva, relator da História do 14, depois de descrever o embarque, a entrada e a ação do batalhão nas trincheiras, dá voz ao Sargento Teófilo António Saraiva que, de forma comovida, conta como se viu integrado no pelotão de fuzilamento do único soldado português condenado à pena de morte e como a sua arma não chegou a disparar, o que lhe valeu a prisão imediata e um processo disciplinar;
- Na História do 29 foram publicadas pelos oficiais do batalhão pequenas estórias bem-humoradas em verso alusivas ao seu dia-a-dia nas trincheiras;
- Na História do 35 é contada a captura de dois corpulentos alemães pelo Garganta – um pequeno soldado e de fraca aparência – o que causou espanto por parecer quase impossível tal façanha e a generosidade do Rato Cinzento – outro soldado – conhecido pelo seu apego à comida, mas que naquela ocasião avançou para os prisioneiros e com eles partilhou a sua ração. Importa salientar que, na véspera deste acontecimento, portugueses e alemães tinham estado sujeitos a um intenso bombardeamento mútuo.

O apuramento das baixas sofridas e doutros elementos com interesse para o estudo da participação portuguesa no conflito levou à compilação, já no pós-guerra, de muitas e diversas relações que podem ser encontradas, por exemplo, num livro elaborado, em 1934, pela Repartição de Estatística e Estado Civil do CEP, especificamente destinado a esse registo. Por ele ficamos a saber, para além de dados de natureza puramente estatística como o número de mobilizados, mortos, feridos, incapazes, desaparecidos e prisioneiros ou a duração média da permanência das unidades na linha da frente, o nome dos navios que transportaram tropas do CEP para Brest e as respetivas datas de chegada, bem como a identificação dos campos de prisioneiros onde foram internados ou dos cemitérios onde foram sepultados militares portugueses²⁴.

Por fim, pela singularidade do seu conteúdo e por nos dar uma visão da guerra do ponto de vista dos seus mais humildes protagonistas, num formato diferente do documento oficial, uma referência à diversa correspondência particular apreendida pela censura postal militar. Por ela se ficam a conhecer as desventuras dos soldados por terras de França, o seu grande desagrado pela impossibilidade de gozar as licenças a que tinham direito, as suas maquinações para fugir à guerra

²³ Veja-se, por exemplo, as monografias constantes na cota PT AHM-DIV/1/35/1344.

²⁴ A sua cota é PT AHM-DIV/1/35/1401/9.

recorrendo a falsos pretextos, mas também os seus namoros com as *mademoiselles* francesas²⁵.

O Legado do Passado Disponibilizado no Presente, a Pensar no Futuro

Agora que se evoca o primeiro centenário da Grande Guerra, estas memórias começam a ser muito procuradas, pelo que cumpre ao AHM garantir a sua preservação, disponibilização e divulgação, para que sirvam no presente, mas também continuem no futuro a perpetuar o esforço militar português na Grande Guerra. Com esses propósitos o AHM, em 2013, lançou um projeto de descrição, digitalização e disponibilização *online*, na aplicação do AHM denominada *Digitarq*, disponível no sítio do Exército Português²⁶, dos boletins individuais dos militares do CEP. Presentemente a sua pesquisa e leitura *online* são já possíveis, ainda que de forma limitada, mas progressivamente será alargada a um cada vez maior número de boletins, à medida que a sua digitalização, em curso, for avançando²⁷. Este trabalho para além de contribuir para a preservação destes documentos, evitando a sua degradação por manuseamento e reprodução excessivos, possibilita também uma rápida, fácil e eficaz recuperação da informação no momento da consulta, bem como a sua leitura descentralizada, sem haver necessidade de recorrer ao suporte em papel e de efetuar uma deslocação física ao AHM.

Também com um propósito de preservação da memória, facilitar o acesso à informação contida nas fontes documentais recorrendo às novas tecnologias e para homenagear todos os combatentes portugueses que morreram ao serviço da Pátria, na Europa e em África, o AHM, juntamente com o Centro de Dados da Defesa, com a colaboração dos restantes arquivos militares nacionais, entre fevereiro de 2013 e abril de 2014, no âmbito do programa de atividades da Comissão constituída para a Evocação de Centenário da Grande Guerra, construiu o denominado *Memorial Virtual aos Mortos na Grande Guerra*, que se encontra também disponível *online*²⁸. A estrutura deste sítio assenta em três núcleos temáticos – O Contexto, Os Homens e Os Espaços –, precedidos por uma página de apresentação do Memorial. Este tem como principal objetivo constituir-se num instrumento de pesquisa e obtenção de dados biográficos sobre os combatentes de todos os ramos das Forças Armadas – Aeronáutica, Exército e Marinha – mortos nos diferentes teatros de operações – Angola, França, Mar e Moçambique –, tendo sido criado no núcleo *Os Homens* um espaço interativo para esse fim.

25 Veja-se, por exemplo, as cartas constantes nas cotas PT AHM-DIV/1/35/85 e 86.

26 O seu endereço é <https://arqhist.exercito.pt/>.

27 No final de junho de 2015 todos os boletins se encontram descritos e a sua disponibilização já foi feita para todos os 3.447 oficiais e para cerca de 22.400 sargentos e praças.

28 O seu endereço é <http://www.memorialvirtual.defesa.pt/Paginas/Splash.aspx>.

Porém, pretendeu-se que o Memorial não se limitasse a providenciar esse tipo de informação biográfica concreta, mas que também assumisse uma função informativa mais ampla, que ajudasse a contextualizar e compreender as circunstâncias em que milhares de militares portugueses perderam a vida ao serviço da Pátria, conciliando o rigor científico com uma linguagem acessível a um público alargado. Daí existirem em cada núcleo diversos textos, da autoria de conceituados historiadores militares e civis, profusamente ilustrados por imagens de época, dedicados a variadas temáticas, todas elas associadas ao culto dos mortos, da sua memória, aos espaços em que os militares viveram, combateram e foram sepultados; havendo, ainda, no núcleo *Os Homens* um conjunto de dados estatísticos sobre as causas e locais de morte dos combatentes. O Memorial permite também a “visita virtual” ao local de sepultura quando tal é possível e a consulta do próprio boletim individual do militar existente no AHM através de uma ligação que foi criada para o *Digitarq*. Todavia, o Memorial não se encontra na presente data totalmente terminado, pois ainda se procede à associação dos boletins individuais do CEP que estão em falta, ao completar de registos e à introdução de novos combatentes, na sua maioria africanos, cujos dados não foi possível recolher na primeira fase do projeto.

O crescente número de consulentes e solicitações *online* que o AHM tem recebido, causa e efeito do desenvolvimento dos dois projetos descritos, constitui um motivo de orgulho e satisfação. Atestam a importância do trabalho realizado nos anos mais recentes no AHM, mas também comprovam o interesse gerado em torno da Grande Guerra e que a divulgação da História recorrendo às novas tecnologias é uma aposta ganha e um meio válido tanto no presente como no futuro, ao proporcionarem um rápido e eficaz acesso à informação, bastando para tal um simples clique num qualquer computador.

Referências

Arquivos

- PT AHM-DIV/1 – Portugal e Campanhas na Europa.
- PT AHM-DIV/1/35 – Corpo Expedicionário Português (1914-1919)
- PT AHM-DIV/1/35/85.
- PT AHM-DIV/1/35/86.
- PT AHM-DIV/1/35/1122/03.
- PT AHM-DIV/1/35/1177/08.
- PT AHM-DIV/1/35/1178/05.
- PT AHM-DIV/1/35/1178/06.
- PT AHM-DIV/1/35/1247/01.

PT AHM-DIV/1/35/1270B.
PT AHM-DIV/1/35/1271/03.
PT AHM-DIV/1/35/1305/04.
PT AHM-DIV/1/35/1344.
PT AHM-DIV/1/35/1361.
PT AHM-DIV/1/35/1401/09.
PT AHM-DIV/2 – Colónias/Ultramar.
PT AHM-DIV/3 – Assuntos Militares Gerais.
PT AHM-DIV/3/5 – Instrução Militar
PT AHM-DIV/3/5/4/21/205 a 207.
PT AHM-DIV/3/5/4/22/208 a 219.
PT AHM-DIV/3/5/4/23/220 a 224.
PT AHM-DIV/4 – Arquivo Militar de Lisboa.
PT AHM-FE/10 – Iconografia.
PT AHM-FE/110 – Fototeca.
PT AHM-FE/CAVE – Fototeca.
PT AHM-FP/51 – Tamagnini de Abreu e Silva.
PT AHM-FP/55 – David Magno.
PT AHM-FP/59 – Gomes da Costa.

Arquivo Histórico Militar, AHM, abril de 1992.

Boletim do AHM, vol. I a, LXVI, 1930-2005.

Guia do AHM, 2007.

Ordem do Exército, 1.ª Série, 1921 e 1924.

Tavares, J. M., 2014. Memórias da Grande Guerra no Arquivo Histórico Militar. *Jornal do Exército* n.º 640, pp. 36-43.